

reitinho o desenho que tem pelo dente confrontar com aquela imagem e dizer que esse dente é dessa pessoa.

Só para vocês entenderem, tudo relacionado à identificação é comparativo. Eles todos tinham a ficha dentária muito bem documentada, eles eram muito bem cuidados lá, tanto pelos médicos, quanto pelos dentistas, por tudo. Só que eles, por serem muito jovens, a ficha dentária deles, as anotações eram basicamente "sem alterações", porque eles não tinham cárie, eles não tinham quase nada. Você pega um adulto cheio de cáries, cheio de obturação, ou crianças mal-cuidadas cheias de alterações, é fácil identificar para o dentista. Mas, pessoas bem cuidadas e sem alterações, você não tem o que dizer. Então, você olha, pô, não tem nada, então, como você vai dizer que essa pessoa é aquela?

O SR (?) - Eu só faria uma ressalva: crianças que já chegaram lá bem cuidadas.

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Sim, ok, e continuaram sendo, de forma que tudo... Né?

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Vamos só garantir a palavra à dra. Gabriela, para a gente não ter interrupção e continuar prosseguindo. Por favor, dra. Gabriela.

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Então, as fichas dentárias, exceto esse menino de Santa Catarina, que tinha já um acompanhamento de alguma coisa de aparelho, e um desses dois que tinha uma alteração de mordedura, de ângulo da mandíbula, e essa observação foi bastante importante, aos outros isso não foi muito enriquecedor. Então, só para vocês entenderem que a gente precisa de documentação prévia e de comparação para poder fechar quem é quem. É o mesmo que se faz com a digital. Existe uma documentação, a gente extrai a digital e compara. Exatamente a mesma logística. Esses dois foram os últimos a sair, a tentar sair, assim, eram corpos bastante prejudicados. Parece que eles eram muito amigos, por isso estavam também juntos. Eles eram parecidos ainda por cima, tinham o biótipo bem parecido. Quando os corpos pegam fogo, a gente perde muito a noção da estatura da pessoa. Eu acho que é porque a tibia não tem muita parte mole, então, a perna pega fogo rápido. Sei lá. Mas, eles chegam sem a gente ter noção do tamanho da pessoa. A gente nunca pensou que eles fossem tão diferentes em termos de estatura e o médico do Flamengo me mandou os dados antropométricos dele, num *insight*: ah, será que isso te ajuda em alguma coisa? E aí, no sábado à tarde, eu comecei a olhar aquilo e falei: Pô, eles são muito diferentes de altura. E a gente aplicou algumas técnicas de estudos antropométricos. A gente utiliza o fêmur para chegar à altura final da pessoa. Só que isso cai em tabelas de desvio-padrão, então, a chance de isso cair em tabelas em que os dois iam se cruzar também era muito grande. Só que a gente teve a sorte de não caírem. Então, a gente conseguiu separar um do outro. Somando-se a isso, um dos dois tinha a história da mandíbula diferente, a que está anotado ali, que é isso aqui. Esse é o Gustavo, que era o médico do Flamengo. Essas são as anotações da ficha deles, essa é a mandíbula que tem esse ângulo, só para vocês entenderem o que é no desenho.

A SRA. RENATA SOUZA - Doutora Gabriela, se me permite, com a permissão da presidência, é porque a gente está passando imagens delicadas. De qualquer forma, quando a família sai, e é claro, a senhora trabalha com isso todos os dias, mas eu acho que ver uma mandíbula que pode identificar um desses jovens... Então, pedir a sensibilidade, o bom senso da própria imprensa que está filmando tudo, porque eu acho que aqui, claro, você imagina olhar uma mandíbula na televisão e identificar como se fosse do filho. Enfim, só um pouquinho de sensibilidade, de bom senso, porque eu acho que é fundamental.

O SR. RODRIGO AMORIM - Deputada, v. exa. faz uma colocação oportuna. Se me permite, presidente, eu acho que, embora muito bem apresentado, eu acho que não colabora para a convicção. Eu acho que está muito claro. São questões absolutamente técnicas de identificação, a identificação já aconteceu. Está claro para a gente o grande serviço, mais uma vez a presença de v. exa. aqui, e, enfim, eu acho que a dinâmica do incêndio já está clara para todos nós. Tem alguns aspectos ali que dizem respeito especificamente ao local onde iniciou e tudo o mais, mas, sr presidente, eu gostaria que v. exa. levasse, como bem disse a deputada Renata, eu acho que já está suficiente para nós.

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Era só isso mesmo, era só para vocês entenderem como a gente chegou a essas coisas.

O SR. RODRIGO AMORIM - Parabéns pelo trabalho.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Eu só tenho...

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Pois não, deputado. Se o senhor quiser fazer a parte de pergunta antes, eu só quero fazer uma indagação porque eu acho que é o suficiente para a gente dispensar.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Eu tenho só uma questão. Após a chegada dos corpos ao IML, qual foi a média de tempo para identificação de cada um deles?

A SRA. GABRIELA GRAÇA - A gente terminou tudo em quarenta e oito horas. Só para vocês entenderem por que a gente fez isso dessa forma, porque o DNA demora pelo menos vinte dias para ser feito, não por problema da polícia, mas porque tem que fixar o osso, tem que trazer o parente para poder fazer a comparação. Independente do parente, você não pega o osso, bota um pedaço e sai o resultado. Demora em torno de vinte dias. A gente só consegue sepultar a pessoa não identificada sem determinação judicial em até quinze dias. Então, os corpos sairiam sem nome se a gente dependesse do DNA.

Eu basicamente quis mostrar isso para vocês entenderem que a gente precisava fazer dessa forma, para não esperar o DNA, para não piorar a situação, entendeu?

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Prolongar.

O SR. RODRIGO AMORIM - Sr presidente, eu acho que é importante, já que estamos falando da perícia, mas mais atinente ao local.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - A gente vai entrar um pouco também com os peritos do Instituto de Criminalística. Só um minuto, doutora.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Eu só queria fazer duas perguntas à dra Gabriela, que é sempre muito cortês com esta comissão, com muita reverência ao Parlamento, tem nos ajudado muito nesta comissão.

São duas perguntas bastante objetivas. Primeira, indubitavelmente, todos eles foram fatalizados por esse acidente, enfim, por essa questão. Agora, algum deles tinha algum tipo de... É... Como é que eu posso dizer assim... Ao que levasse à suspeita de que alguns deles não estavam saudáveis ou não estariam saudáveis. Foi possível identificar isso?

A SRA. GABRIELA GRAÇA - A gente não teria como avaliar, pelo estado em que eles chegaram, mas, pela documentação que o Flamengo mandou para a gente, bastante completa...

O SR. JORGE FELIPPE NETO - A vida deles seria longa e tranquila do ponto de vista de saúde.

A SRA. GABRIELA GRAÇA - A documentação deles estava muito boa. Aliás, o Flamengo foi muito solícito com isso, os médicos deles ficaram lá o tempo todo. São dois médicos muito amigos meus, inclusive.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - O Fabrício é supercampeão, enfim, só tenho a elogiar-lo.

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Exatamente. Sobre os três sobreviventes, que eu também examinei depois, quando eles já tinham as sequelas estabelecidas...

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Essa era a segunda pergunta: quais são as sequelas dos sobreviventes?

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Dois deles, pelo que eu me lembro, têm cicatrizes pequenas que não são problemas. Um deles, que é o que o doutor se referiu, ele tem um problema respiratório bastante sério, já com algumas sequelas estabelecidas até então. Ele foi internado bastante tempo, teve problemas de infecção, ele teve essa queimadura de via aérea. Se eu não me engano, ele tem alguma coisa auditiva, também, uma queimadura de vias auditivas que tem alguma repercussão. Esteticamente, ele ficou bastante comprometido.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - E não seria possível analisar, por exemplo, se algum deles foi fatalizado por uma corrente elétrica ou por... Todos foram fogo?

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Foi tudo fogo. Foi tudo fogo.

O SR. RODRIGO AMORIM - Agora, não me causa nenhum espanto aqui que o Flamengo tivesse, de fato, a memória médica, biomédica dos seus atletas. Um dos maiores clubes do mundo, é o mínimo que se espera: que cuide, com zelo, pelo menos, da matéria-prima que é. Porque é algo também que me assusta em relação ao Flamengo, sobretudo mais uma vez fazendo um apelo para que essa entrevista seja acostada aos autos, que o presidente fala enaltecendo, como se o Flamengo estivesse fazendo um grande feito social, ou seja: Olha, nós estamos cuidando daqueles jovens, dando toda atenção. Como se fosse ato de altruísmo do Flamengo, pegando juvenzinhos excluídos da sociedade e cuidando desses jovens. Na verdade, o Flamengo estava cuidando de uma matéria-prima, de alto valor agregado e, por óbvio, não me causa nenhuma espécie que o Flamengo tivesse a memória biomédica, de estatura, acompanhamento de exames desses atletas que são a matéria-prima do clube. Então, só para que isso não nos influencie a achar que o Flamengo, a desídia que ficou comprovada até o momento, seja compensada por essa atenção especial com a saúde dos atletas.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Dra Gabriela, quer concluir?

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Não, é isso mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Pois não?

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Em relação à perícia médica, talvez os peritos criminais, talvez tenham perguntas para eles, não para mim.

A SRA. PAULA WOLFF - Doutora, eu tenho uma pergunta. Eu acho que, como ela não é tão específica, não é tão médica, eu acho que a senhora vai conseguir me responder. Apesar de serem imagens muito fortes para a gente, teve uma importância muito grande de ver esse trabalho para ter alguma ideia do que a gente vai encontrar nesse inquérito. Como foi dito antes, a gente não teve acesso a esse inquérito, então, muita coisa que foi dita a gente não sabia.

Minha pergunta é muito simples. Foi dito aqui que uma combustão dessa, um incêndio desse, às vezes, até em quarenta e cinco segundos isso pode chegar ao ápice de uma situação dessas. O ápice de um momento desses. A minha pergunta é se, em sua opinião, esse contêiner não fosse gradeado, existiria alguma chance de essas crianças terem conseguido pular, ou era tão inflamável que nem conseguiriam, sendo atletas, jovens, todos corriam, mas nem assim conseguiriam, porque o material é tão inflamável que não conseguiriam?

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Eu acho que o caso aí, teria que perguntar aos peritos.

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Eu não consigo responder. Só consigo responder questão médica. Talvez eles possam responder.

A SRA. RENATA SOUZA - Posso fazer uma sugestão, presidente?

A SRA. GABRIELA GRAÇA ... o *flashover* em quarenta e cinco segundos, e eu não sei dizer quanto isso durou lá, mas é só para explicar que esse fenômeno se dá dessa forma rápida.

A SRA. PAULA WOLFF - Entendi. Está ótimo.

A SRA. RENATA SOUZA - Gostaria de sugerir à dra. Gabriela que também disponibilizasse esses *slides* para a CPI.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Claro, a gente vai pedir à secretaria para depois solicitar à doutora.

Os senhores querem fazer alguma apresentação?

(Fala fora do microfone)

A SRA. GABRIELA GRAÇA - As imagens deles são dos laudos deles mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Podem só fazer uma troca.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Presidente, só pedir à assessoria da comissão que pegue cópia do arquivo digital para que a gente acoste aos anexos.

(Pausa)

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - Boa-tarde aos membros da comissão, boa-tarde aos familiares que não estão presentes, boa-tarde aos advogados. Vou tentar fazer uma explanação rápida, objetiva. Vou me ater aos fatos que a gente colheu no local. De qualquer forma, o laudo está no local, o laudo completo, um documento de 40, 45 páginas. Vou tentar resumir ao máximo.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Vou pedir para disponibilizar também para a comissão, por favor. Peço para que a secretaria pedir isso junto ao Instituto de Criminalística, o laudo, para que a gente possa ...

Pois não.

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - Então, vou passar rapidamente e dizer que foi feito por uma equipe; nós somos uma equipe do serviço de engenharia do Instituto Carlos Éboli, o chefe participou do setor, o dr. Liu Tsun, perito criminal e engenheiro eletricitista; dr. Amaro Moreira; dr. Carlos Mesquita, engenheiro de matérias; dr. Renato Bechara e dr. César Guimarães, que está presente também com a gente aqui. Então, às 8h30 do mesmo dia, portanto logo após o evento que se desenvolveu durante a madrugada, o delegado de polícia, dr. Petra, através desse RO, requisitou nossos exames periciais, e uma hora depois estávamos todos no local. Inclusive, não lembro se era o Cel. Sarmento que estava no local... E a gente já iniciou os exames uma hora depois da solicitação...

O SR. RODRIGO AMORIM - Sempre o coronel Sarmento. Em todas as tragédias, ele e sempre o primeiro a chegar, não é coronel?

(Fala fora do microfone)

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - Neste ano, estamos juntos porque a mesma equipe trabalhou no Badim, no mesmo plantão; no meu plantão. No Ninho do Urubu, no incêndio da Quatro por Quatro... Então, a gente está sempre junto e tem sempre uma repetição de equipe e já se conhece.

Essa foto é uma foto aérea feita por drones. A área delimitada em amarelo é o alojamento. Então, o alojamento só é a área em amarelo, o restante são áreas de apoio. Como falado aqui, são nove módulos habitáveis unidos, formando o alojamento, são seis quartos, uma área de vestiário e todos eles formados por esses nove módulos, nove contêineres, como são comumente conhecidos. Esses contêineres são isolados por painéis termo acústicos, todos os painéis e formação, formando um sanduíche; são dois painéis e no interior do painel a gente tem geralmente um produto para isolamento térmico e acústico.

O SR. RODRIGO AMORIM - E esse produto é inflamável, eu imagino...

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - Sim, sim. Eu vou chegar no ponto, mas isso daí foi o que a gente encontrou quando chegou, está bom? Então, a gente - no momento dos exames - foi esse o local do trabalho. Parte da mobília interna já tinha sido removida, vocês podem ver um escoamento progressivo em direção à parede, lá da estrutura metálica, certo. Mas o que vocês estão vendo nessa imagem aí, é basicamente a estrutura dos módulos habitáveis, onde os painéis estão quase que de forma majoritária retorcidos junto ao piso, na órbita dele...

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - E quando vocês chegaram, aqueles escombros já estavam lá fora?

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - Sim, sim.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - E quem alterou o local do fato?

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - Isso é produto do combate às chamas, que retirou do local, provavelmente para...

(Fala fora do microfone)

O SR. (?) - Nós... Faz parte do trabalho do rescaldo, quando temos que tirar essas placas para ventilar e ser mais efetivo no combate, nós tivemos a preocupação em todo momento de preservar a dinâmica do evento, os corpos nos mesmos locais... Não alteramos em nenhum momento.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Está bom.

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - Perfeitamente, vou retomar. O coronel falou bem: os corpos estavam no local de origem, certo, cobertos por um lençol branco - geralmente é o protocolo que a gente trabalha no Rio de Janeiro.

Aqui, é uma visão aérea com uma sobreposição de CAD indicando os quartos - a posição deles, ok? - vestiários, e a única en-

trada do alojamento, que é essa entrada voltada para a parte inferior, aqui. Tem ali uma abertura indicando a porta. Depois, eu posso voltar nessa imagem para explicar outra informação interessante. Então, a partir dessas informações começamos a fazer as constatações do local que uma foto ampla de uma área entre o quarto um e dois, do alojamento, onde a gente tinha um agrupamento de vítimas maior do alojamento. Todas as vítimas encontradas são numeradas conforme o protocolo da perícia e devidamente fotografadas. Então, a gente tem fotografias de cada placa dessas, que não convém a gente mostrar aqui. Aqui é um CAD, uma planta de indicativo de posicionamento de onde nós encontramos os cadáveres, onde encontramos as vítimas. Então vocês veem um agrupamento muito... Majoritário, entre o alojamento, próximo à saída, próximo à porta, o que indicaria a procura da porta, a procura do acesso de fuga, de saída dessas vítimas do local. Então, você ainda tem uma vítima no quarto cinco, uma no quarto três, e três vítimas no quarto dois.

Eu falei para vocês que a maioria dos painéis, eles foram retirados. Esse que está em preto, em negrito, é o que estava remanescente no momento dos exames. Tem algumas constatações que nós fizemos; como a gente não tinha ainda as plantas construtivas do local, a gente começou a montar isso a partir dos vestígios que foram encontrados no local. Essa é basicamente uma janela de alumínio leve branco; os módulos habitáveis, para a região posterior da entrada, todos eles eram equipados com essa janela aí, que tinham essas barras de alumínio branco, fazendo uma segurança maior da janela.

Aqui, já é parte da equipe trabalhando; a gente está numerando aqui alguns vestígios só para vocês terem o acesso, escoamento da barra de estrutura e do contêiner; vocês veem a grande capacidade de calor gerada no local, produto do incêndio. A gente constatou diversos traços de perolamento de condutores, formados provavelmente após o início do incêndio. Eles têm uma característica secundária. Tecnicamente a gente diz que não está relacionado ao nicho de eclosão das chamas, mas sim, ele tem uma característica muito maior de reflexo depois das chamas se iniciarem, em diversas fiações elétricas. Isso evidenciava inclusive que as instalações de alimentação se encontravam energizadas durante a dinâmica de incêndio local. Futuramente, a gente teve o acesso à equipe que recebeu gente lá, que o Flamengo colocou - que foi bastante solícita - com a documentação. O doutor pode falar com mais propriedade. Mas, durante a perícia, a equipe do Flamengo foi bastante solícita quanto à documentação; a gente teve acesso às plantas; plantas elétricas, plantas construtivas e a gente começou a verificar algumas convergências do que a gente verificava ali e o sistema elétrico que estava em documento, algumas seções de condutores que encontramos no local... Mas essas são fotos que evidenciam todos os perolamentos que a gente encontrou e que vão ajudando a montar a dinâmica em que a gente quer chegar à conclusão.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Essas plantas, elas foram fornecidas por órgão público ou pelo próprio Flamengo?

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - O Flamengo, ele...

Eu não lembro bem... Não lembro ao certo se o doutor forneceu pra gente depois ou se a gente pegou no local. Provavelmente a gente pegou no local, eles fizeram uma cópia para a gente e a gente já levou para facilitar o trabalho da perícia. Provavelmente isso.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - De órgão público vocês não conseguiram ter absolutamente nenhuma documentação pertinente a isso?

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - A perícia não fez ...

O SR. JORGE FELIPPE NETO - O dr. delegado sinalizou "não" com a cabeça...

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Doutor, deixe eu fazer uma pergunta, só por curiosidade: tivemos uma informação, de maneira informal, que poderia ter ocasionado diversos picos da Light no local e, depois, uma sobrecarga que talvez seria a causadora do problema junto ao ar condicionado. Me parece... A perícia constatou algo do tipo ou não?

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - A perícia chegou a uma conclusão e, a partir dessa conclusão, a gente tem alguns comportamentos que a gente pode colocar como causa, mas nada ficou provado referente a essa causa específica. O que a gente trabalhou aqui... Aqui, fazemos um adendo ao que o deputado Rodrigo Amorim me perguntou quanto aos constituintes entre os painéis, certo? Aquele material que a gente tinha entre os painéis, que têm uma função de isolamento, tanto térmico quanto acústico. Então, foram encontrados inicialmente... Inicialmente, a gente só encontrou esse material aí, que permaneceu no local; onde a gente viu uma grande quantidade de painéis contendo esse poliuretano aí, flexível, aquela espuma de colchão que a gente conhece que tem um trabalho térmico e acústico com bastante funcionalidade. Esse material ele permaneceu, é remanescente, sofreu a ação térmica, produto do incêndio, mas permaneceu. Então, não foi consumido pelas chamas. Então, a gente começou a pensar que todos os painéis com sanduíche tinham composição interna, seus núcleos, desse material, certo? E, a gente começou a trabalhar e descobrimos que não: a gente chegou a uma fração aqui que diversos painéis estavam sem o componente, sem o núcleo dos painéis e a gente começou a descobrir o porquê.

Chegamos à conclusão - revirando os escombros; isso foi bem maçante ficamos três ou quatro... Ficamos uns 15 a 20 dias trabalhando no local, em seis pessoas - encontramos um constituinte ainda parcialmente intacto, que foi o único que sobreviveu. O único material remanescente no local, que é uma outra classe de poliuretano que é o rígido, certo? Esse sim, sem nenhum tratamento, não era constituído de nenhum composto antichamas. Ele foi praticamente todo consumido no local. Era essa a grande dúvida que a gente tinha, o tratamento, a ação térmica sobre esse material geral realmente um efluente gasoso bastante tóxico, rico em monóxido de carbono, rico em ambientes de pouca oxigenação, libera até ácido cianídrico, cianeto.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Existia nos contêineres, algum tipo de sistema de detecção de incêndio ou minimamente um extintor de incêndio que as vítimas pudessem usar?

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - Isso está no corpo do laudo: ele indica, dentre um item lá, que realmente num raio de cinco a dez metros - na parte externa, não encontramos na parte externa - a gente achou muitos extintores provavelmente utilizados no combate às chamas inicial. Mas existiam instalações de extintores na parte externa, num raio, acredito eu, de dez metros.

A SRA. RENATA SOUZA - Sr. Victor, esse material que foi encontrado... Você viu que eram dois tipos de espuma basicamente.

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - Perfeito.

A SRA. RENATA SOUZA - Essa outra espuma que foi totalmente consumida e que liberou esses gases tóxicos, elas são mais baratas? Na perícia dá para verificar, por exemplo se houve uma tentativa de economia na utilização desse material?

O SR. RODRIGO AMORIM - Tem até um projeto de lei meu, deputada, no sentido de proibir a utilização desse tipo de revestimento - que v. exa. está trazendo à baila aqui - justamente porque, além de tóxico e inflamável, ele é mais barato que o outro componente.

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - Como o deputado falou, esses núcleos são usados - foram usados até na Boate Kiss, que foi um evento que ficou bem famoso - não têm constituinte de componentes antichamas, portanto, a gente faz uma relação rápida que deve ser sim um material de menor custo do que o material que tem um componente antichamas.

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Numa classificação... Deve existir uma classificação ABNT ou uma classificação de inflamabilidade do material; vocês têm isso? Porque o poliuretano é um isolante comum, é um isolante térmico/acústico comum desde a utilização de brinquedos à utilização de revestimentos, mas seria importante a gente ter o grau de responsabilidade por esse índice em que foi assumido o risco de ter um eventual incêndio com isso.

O SR. VICTOR SATIRO DE MEDEIROS - A gente fez testes em bancadas com ambos os materiais, e esses testes em bancada não substituem os testes de inflamabilidade dentro de um laboratório, mas de qualquer forma, eles são bem indicativos. E esse material antichama, a gente fornecendo chama em bancada por ele, durante cinco segundos, ele não teve capacidade de manter essa chama após o